



PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE ENUNCIADOS ORAIS: UM COMPARATIVO ENTRE CEGOS E VIDENTES DA PARAÍBA

SOCIOLINGUISTIC PERCEPTIONS OF ORAL UTTERANCES: A COMPARISON BETWEEN BLIND AND SIGHTED PEOPLE IN PARAÍBA

Gessika Demétrio de Alcântara¹
Cid Ivan da Costa Carvalho²

RESUMO: A presente pesquisa insere-se no campo da Sociolinguística variacionista e busca compreender as percepções enunciativas de estudantes cegos e videntes da Paraíba diante de enunciados orais. Desse modo, o objetivo central consiste na análise dos fatores que motivam a identificação da variação linguística por pessoas cegas, comparando-os às percepções dos videntes. Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa, descritiva e indutiva, realizada por meio de entrevistas sociolinguísticas com estudantes de instituições especializadas e escolas regulares, utilizando áudios de falantes de diferentes regiões do Brasil. O aporte teórico apoia-se em Vygotsky (1997), Bagno (2007), Labov (2008) e Tarallo (2002), articulando teoria da compensação, variação linguística e prosódia. Quanto aos resultados parciais, estes indicam que ambos os grupos reconhecem variações fonológicas, regionais e culturais, mas os cegos atribuem maior relevância à prosódia como recurso de inteligibilidade. Conclui-se que o estudo contribui para ampliar a compreensão sobre diversidade linguística e inclusão, oferecendo subsídios para práticas pedagógicas/sociais mais equitativas, sensíveis às especificidades perceptivas das pessoas cegas.

Palavras-chave: Língua; cegos; percepção; Prosódia; Sociolinguística.

ABSTRACT: This research is situated within the field of variationist Sociolinguistics and aims to examine the enunciative perceptions of blind and sighted students from Paraíba when listening to oral utterances. The central objective is to analyze the factors that motivate the identification of linguistic variation by blind students, comparing them to the perceptions of sighted participants. Methodologically, it is a qualitative, descriptive, and inductive investigation, conducted through sociolinguistic

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6180-3695>. E-mail: gskdemetrio@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9358-7792>. E-mail: cidiavanc@ufersa.edu.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

interviews with students from specialized institutions and regular schools, using audio recordings of speakers from different regions of Brazil. The theoretical framework draws on Vygotsky (1997), Bagno (2007), Labov (2008), and Tarallo (2002), articulating compensation theory, linguistic variation, and prosody. Preliminary findings indicate that both groups recognize phonological, regional, and cultural variations; however, blind students place greater emphasis on prosody as a resource for intelligibility. The study contributes to broadening the understanding of linguistic diversity and inclusion, providing contributions to more equitable pedagogical and social approaches sensitive to the perceptual specificities of blind students.

Keywords: Language; blind; perception; Prosody; Sociolinguistics.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O debate acerca da inclusão tem se expandido, significativamente, com o intuito de promover a conscientização e assegurar os direitos, o bem-estar, a convivência e a participação social das pessoas com deficiência. No entanto, quando se trata especificamente das pessoas cegas, observa-se a persistência de entraves, sobretudo no campo educacional. De acordo com dados do INEP (2020), 7.114 estudantes declararam-se cegos no ambiente escolar brasileiro. Nesse contexto, torna-se imprescindível a adoção de estratégias pedagógicas e recursos tecnológicos que favoreçam sua aprendizagem, tais como o sistema Braille, a audiodescrição e diferentes tecnologias assistivas.

Diante desse cenário, emergem indagações relevantes: os estudantes cegos (doravante PC), que ingressam no universo acadêmico, desenvolvem a mesma percepção linguística que os estudantes videntes? Como se dá o processo de compreensão das variações linguísticas por parte desses sujeitos? Tais questões orientam a presente investigação que busca analisar a percepção de estudantes cegos das cidades de Campina Grande e João Pessoa, na Paraíba, acerca da língua e de suas variações enunciativas.

A partir desses questionamentos, embora percebamos avanços proporcionados pela globalização e pelo desenvolvimento tecnológico, constata-se que a deficiência visual ainda se inscreve em um espaço de minorias. Nesse sentido, esta pesquisa propõe reflexões sobre os processos de compreensão das variantes linguísticas por estudantes cegos, considerando a escassez de estudos voltados à consciência e à apreensão da língua por esse grupo social.

Sob esse viés, considerando os apontamentos de Vygotsky (1997), o qual discorre que a audição das pessoas cegas tende a se desenvolver como forma de compensação da ausência da visão, emergem questionamentos fundamentais: em quais vestígios linguísticos as pessoas cegas (PC) se apoiam para interpretar os significados da língua? Quais aspectos das variações linguísticas se manifestam com maior frequência na produção textual desses sujeitos?

Diante dessas indagações, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os principais fatores que motivam a identificação da variação linguística por pessoas cegas na Paraíba, buscando compreender suas percepções enunciativas e compará-las às dos estudantes videntes. Para alcançar tal propósito, estabelecem-se dois objetivos específicos: observar a relação entre a percepção linguística das pessoas cegas e as variações sociais da língua, identificando os elementos que

orientam sua compreensão e uso e comparar as informações perceptivas dos estudantes cegos em relação aos videntes, de modo a analisar semelhanças e diferenças na apreensão das variações linguísticas.

Em vista disso, as discussões e dados apresentados configuram-se como instrumentos relevantes para ampliar o olhar sobre estudos que descrevem, conceituam e analisam a percepção da língua por estudantes cegos. Tal abordagem possibilita fundamentar uma análise consistente acerca da forma como uma parcela desses sujeitos, na Paraíba, apreende enunciados linguísticos orais. Ademais, ressalta-se a relevância de pesquisas dessa natureza para compreender e explicar a diversidade linguística existente no Brasil, bem como para reconhecer as particularidades culturais que se expressam na fala dos sujeitos em diferentes regiões do país.

Sendo assim, para discutir a respeito da temática proposta a estruturação do texto segue as seguintes etapas: inicialmente contextualizamos sobre o conceito e objeto de estudo sociolinguístico, em seguida a respeito da prosódia e sua influência na compreensão e percepção da língua e para fechar a discussão teórica, discorremos também como funciona o processo de apreensão e percepção da língua, especificamente das pessoas cegas. Damos sequência, apresentando a metodologia utilizada para a coleta de dados e expomos brevemente alguns dados, qualitativos, já coletados, fazendo o comparativo entre as observações de cegos e videntes a respeito da língua oral. Por fim, refletimos sobre a apreensão dada as teorias e análises discorridas ao longo do texto e informamos as referências utilizadas para a realização do trabalho.

2 A LÍNGUA COMO PRÁTICA SOCIAL

A construção da identidade humana ocorre por meio da língua, que possibilita o processo de comunicação e socialização dos indivíduos. Nesse sentido, Coroa (2003, 2010) comprehende a língua não apenas como uma estrutura formal, mas como prática de comunicação, interação e atuação social. Sob essa perspectiva, Labov (2008) enfatiza a relação intrínseca entre a estruturação e a evolução linguística e os parâmetros sociais, demonstrando que a linguagem dos falantes se modifica conforme o contexto em que estão inseridos. Um exemplo emblemático de sua abordagem é a pesquisa realizada em 1963 na ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, considerada precursora dos estudos sociolinguísticos. O objetivo do autor foi evidenciar a relevância dos fatores sociais nas transformações linguísticas, relacionando variáveis como idade, ocupação, sexo e etnia dos moradores da ilha. Os resultados desse autor mostraram que, embora compartilhassem a mesma localidade, o uso da língua era heterogêneo, revelando variações condicionadas pelos aspectos sociais analisados.

No âmbito da Sociolinguística de base variacionista, cuja finalidade é compreender o funcionamento da língua em situações reais de uso, essa vertente teórica tem desempenhado papel central na configuração do português brasileiro (doravante PB). Ao descrever fenômenos variáveis em diferentes níveis linguísticos e em distintos estratos socioeconômicos e regiões sociais, os estudos variacionistas revelam como a língua se molda às práticas sociais e culturais dos falantes. Pesquisas como as de Lucchesi (2017), Savreda (2010) e Savreda *et al.* (2021) exemplificam esse esforço ao identificar os contextos de emergência de novas formas linguísticas e os fatores estruturantes que condicionam a mudança, demonstrando que a variação não é aleatória, mas socialmente motivada.

Além desses, Freitag *et al.* (2016) ampliam a discussão ao destacar que não basta apenas descrever como os brasileiros falam: é necessário compreender como eles acreditam que falam. Essa dimensão subjetiva, ligada às crenças e valores sobre a língua, nos permite observar como as representações sociais influenciam a percepção das variedades linguísticas e produzem efeitos simbólicos sobre categorias como “brasilidade”, “regionalidade linguística” e “dialetos”. Assim, a Sociolinguística não se limita à descrição objetiva da variação, mas também se volta para os significados sociais e ideológicos que os falantes atribuem às formas de falar.

Ademais, a consciência dessa variação, presente tanto na oralidade quanto na escrita, reforça a necessidade de compreender os mecanismos que diferenciam esses dois modos de expressão. Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 21) contribui para o debate ao afirmar que “a passagem da fala para a escrita não representa uma transição do caos para a ordem, mas sim de uma ordem para outra ordem”. Ou seja, cada modalidade possui sua própria lógica organizacional. Na oralidade, elementos como pausas, suspiros, mudanças na tonalidade da voz e outros recursos prosódicos desempenham papel fundamental na construção do sentido. Já na escrita, tais elementos se manifestam por meio da pontuação, da organização textual e do contexto discursivo.

Desse modo, as perspectivas dos autores mencionados até então, revelam que a Sociolinguística variacionista não apenas descreve a diversidade linguística, mas também busca compreender os processos sociais, culturais e cognitivos que a sustentam. Essa abordagem permite analisar a língua como prática social, revelando tanto sua heterogeneidade estrutural quanto os valores e representações que permeiam seu uso cotidiano.

Considerando esses aspectos, é válido salientar que eles acabam ocorrendo em fatores linguísticos tanto internos como externos. Conforme aponta Bagno (2007, p. 3),

No que se refere ao nível fonético fonológico o autor cita as possíveis pronúncias para o R da palavra porta no português brasileiro; no nível morfológico apresenta a alternância entre os sufixos das formas pegajoso e peguento para expressar o mesmo conceito; no nível sintático traz as diversas possibilidades das construções relativas como em “uma história que ninguém prevê o final/ uma história que ninguém prevê o final dela/ uma história cujo final ninguém prevê (Bagno, 2007, p. 39).

Assim, reforçando a concepção da língua como um objeto social não homogêneo, pois ela se apresenta em diversidade no seu sistema conforme o tempo, local e falantes.

Ainda no âmbito dos estudos sociolinguísticos, convém destacarmos outra distinção conceitual, a saber: a diferença entre avaliação, percepção e produção. A avaliação linguística é utilizada para referenciar o discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes, o que configura um objeto de estudo em si. Já a recepção linguística relaciona-se com as inferências feitas pelos usuários de uma dada língua quando ouve outro usuário falando. Estas deduções podem ou não ser conscientes e, por isso, podem não se estabelecerem como um objeto de comentário metalinguístico. Por fim, a produção linguística distingue-se das anteriores, já que o que é dito ou as reações a certas variações que podem não ser condizentes com os usos habituais (Oushiro, 2015).

Isto posto, observamos que a recepção linguística se encontra mais voltada para os fatores sociais e as inferências realizadas pelos falantes numa dada situação de fala/escuta. Dessa maneira, o julgamento do ouvinte, no momento mesmo em que relaciona os aspectos sociais com os traços linguísticos, gera um padrão de consciência social na comunidade.

Conforme exposto ao longo do tópico supracitado, podemos afirmar, que quando se refere às distintas maneiras de se dizer o mesmo, essa diversidade é chamada de variante linguística e ao conjunto dessas variantes chamamos de variável, como aponta Tarallo (2002). Tal ponto de vista nos indicam que elas revelam os indícios particulares de nossa nacionalidade/naturalidade, a nossa cultura, idade, muitas vezes nível de escolarização e classe social. Pensando nisso, os estudos sociolinguísticos pretendem investigar quais os mecanismos que regulam a variação, “como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e também da matriz social em que ocorre e como ela pode levar à mudança na língua”. (Coelho, 2010, p. 26). Desse modo, para uma melhor compreensão sobre tais fenômenos é preciso descrever como essas variantes manifestadas na língua estão sendo usadas consoante a comunidade investigada, pois, segundo Labov (2008) embora elas exponham um referencial semelhante, podem apresentar significados sociais divergentes.

3 Da percepção social aos aspectos prosódicos da língua

Diante do debate a respeito da Sociolinguística Variacionista, a qual comprehende a língua como prática social, evidencia-se que os usos linguísticos não se limitam às escolhas lexicais ou sintáticas, mas também se manifestam em dimensões sonoras e rítmicas da fala. Nesse ponto, torna-se necessário interligar o debate teórico à prosódia, uma vez que elementos como entoação, pausas, ritmo e intensidade constituem marcas fundamentais da oralidade e revelam tanto aspectos estruturais da língua quanto valores sociais e culturais atribuídos pelos falantes. Esse movimento, no entanto, não é incoerente, pois essa área de estudo se enquadra na oralidade como parte constitutiva da fala, funcionando como recurso que organiza a interação e transmite significados sociais. Na fala cotidiana, por exemplo, a prosódia atua como mecanismo que sinaliza emoções, intenções comunicativas e relações de poder entre interlocutores, funcionando inseparavelmente da perspectiva variacionista. Dessa forma, os aspectos sociais da língua se articulam com os elementos fonético-prosódicos, tendo em vista que a prosódia não deve ser vista como um desvio metodológico, mas como uma continuidade natural da análise sociolinguística, já que traduz, no plano sonoro, a diversidade e a variação que caracterizam o português brasileiro.

Sob esse viés, quando se aborda a prosódia, é necessário compreender que ela diz respeito às características relacionadas à emissão dos sons da fala. Conforme Barbosa (2012), esse campo envolve não apenas a acentuação e a entoação utilizadas pelo falante, mas também fatores linguísticos, como o ritmo da fala; fatores paralinguísticos, como o uso de marcadores discursivos (“né?”, “uhum”); atitudes proposicionais e sociais; e fatores extralinguísticos, como a expressão das emoções. Nesse sentido, ela está diretamente vinculada à oralidade e deve ser analisada a partir de enunciados produzidos em situações espontâneas ou controladas. Já na perspectiva apresentada por Oliveira Junior *et al.* (2022), a prosódia deve ser entendida em sua pluralidade — “prosódias” —, pois não se restringe a um único aspecto técnico da fala, mas abrange diferentes dimensões que se articulam entre si:

fonética, fonológica, discursiva, pragmática e até mesmo social. Vale ressaltar que ambos os autores ressaltam que ela é um recurso fundamental para a interpretação das mensagens, já que organiza o fluxo da fala, marca contrastes de sentido e transmite intenções comunicativas. Assim, sua análise ultrapassa o nível das palavras ou frases, envolvendo elementos como tom, duração, intensidade e ritmo, que conferem à oralidade nuances de significado impossíveis de serem captadas apenas pela escrita.

Outro aspecto relevante refere-se à distinção entre fala espontânea e fala “de laboratório”. A primeira ocorre em contextos de comunicação natural entre interlocutores, enquanto a segunda se dá em situações controladas, como entrevistas estruturadas, nas quais os enunciados são previamente roteirizados. Quanto maior for a interferência no processo de produção da fala, menor será sua espontaneidade. Nesse ponto, Oliveira Junior *et al.* (2022) reforça que a prosódia é também um marcador de identidade e de estilo comunicativo, diferenciando os modos de falar entre indivíduos e grupos sociais. A entoação, por exemplo, confere à mensagem o tom intencional que o falante deseja transmitir, podendo alterar significativamente sua interpretação pelo interlocutor.

Partindo das perspectivas mencionadas, vemos a contribuição para a caracterização da fala. A respeito disso, Cagliari (1992) discorre que existem elementos supra-segmentais que marcam e determinam os itens lexicais e os padrões entoacionais. O autor diz que

[...] podemos agrupar esses elementos supra-segmentais prosódicos em grupos. a) - Elementos da melodia da fala: tom, entoação, tessitura. b) - Elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis. c) - Elementos da qualidade da voz: volume, registro, qualidade da voz (Cagliari, 1992, p.137).

Sendo assim, deve-se pensar a entoação para além do campo lexical, já que, quando voltada para a capacidade da fala, a prosódia se trata justamente da capacidade de comunicar com uma entoação e um ritmo que tragam algum significado para a mensagem que se pretende passar. Sobre esse assunto, Lopes e Lima (2014) dizem que

Por meio da interação, o ser humano tem a possibilidade de modificar a sua voz de acordo com o contexto, com o interlocutor, com as intenções que quer atingir, em um processo dinâmico e quase que inerente à sua capacidade comunicativa. A expressividade da fala acontece justamente a partir das diversas variações prosódicas dos parâmetros de loudness, pitch e duração durante uma conversação, que vão conferindo sentido à palavra falada (Lopes e Lima, 2014, p. 651).

Com isso, pode-se inferir que os elementos presentes no processo da fala, como o tom de voz e, até mesmo, a personalidade do falante, dão forma às informações trocadas entre as personagens da conversa. Tais elementos são tidos como parâmetros prosódicos de comunicação, desenvolvidos ao longo da vida de uma pessoa. Essa aprendizagem começa já na infância na comunicação da criança com os pais.

Deve-se pensar aqui, no entanto, que apesar de uma mesma mensagem poder ser passada tanto na forma escrita quanto na oral, existem elementos que determinam a diferença existente entre elas. Isso é, na mensagem escrita, como se

sabe, pode ser usada a pontuação como forma de estruturar e dar o tom à mensagem transmitida. Já no texto oral, isso ocorre por meio dos elementos prosódicos da entoação e velocidade da fala.

4 O APRENDIZADO/ APREENSÃO LINGUÍSTICA DAS PESSOAS CEGAS

Ao refletirmos sobre os processos de aprendizagem das pessoas cegas, percebemos que a deficiência visual não deve ser compreendida como um impedimento absoluto, mas como uma condição que reorganiza os caminhos pelos quais o sujeito acessa o conhecimento. A aprendizagem, como destaca Oliveira (1995), é um fenômeno universal, que envolve aquisição de informações, habilidades e valores por meio da interação com o meio e com os outros. Nesse sentido, a diferença está menos na ausência da visão e mais na forma como a sociedade reconhece e legitima os modos alternativos de apreensão da realidade.

Desse modo, a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1997) reforça essa ideia ao afirmar que o desenvolvimento cognitivo é mediado pelas interações sociais. Assim, tanto cegos quanto videntes constroem seu conhecimento a partir do contato com elementos externos, ainda que os cegos mobilizem sentidos compensatórios como audição, tato, olfato e paladar. Essa compensação, porém, não elimina os desafios: como observam Nunes e Lomônaco (2010),

O significado das coisas lhe é transmitido, em sua maioria, por videntes que utilizam muito menos esses sentidos e muito mais a visão como fonte de informação e conhecimento. A consequência deste impasse é que a pessoa cega tem que fazer constantes “ajustes” entre aquilo que ela conhece por meio de suas percepções e aquilo que chega pela fala dos que a rodeiam (Nunes e Lomônaco, 2010, p. 57).

Isso obriga o sujeito cego a realizar constantes ajustes entre suas percepções sensoriais e os relatos recebidos, o que pode gerar tensões na construção de sua experiência de mundo.

Nesse processo, a língua emerge como instrumento central de socialização e de constituição do sujeito. Sob esse viés, Raballo e Passos (2009) lembram que é por meio dela que interagimos, manifestamos opiniões e compartilhamos experiências. A língua, portanto, é simultaneamente singular — pois cada indivíduo a utiliza de modo próprio — e plural, já que reflete a diversidade de grupos sociais, faixas etárias e contextos culturais. Essa pluralidade se manifesta nas variações, conforme as considerações de Labov (2008), sejam elas regionais, nos sotaques, nas gírias juvenis ou nas expressões preservadas por gerações mais velhas, compondo o mosaico linguístico brasileiro. Contudo, como observa Cunha (1997, p. 2),

O atraso de linguagem pode ainda ser compreendido como uma característica que acompanha outras deficiências de ordem de comportamento. É frequente identificar quadros de deficiência, quer seja por motivo motor, neurológico, cognitivo ou sensorial, que são acompanhados de desordens linguísticas.

Essa perspectiva evidencia que a linguagem não é apenas um sistema abstrato, mas um fenômeno profundamente ligado às condições biológicas e sociais dos sujeitos. No caso das pessoas cegas, a língua assume papel ainda mais relevante, pois compensa a ausência da visão e se torna o principal meio de

orientação, identificação e comunicação. Esse ponto de vista faz com que a prosódia entre em destaque, pois, de acordo com Zucconelli (2012, p.18),

As informações prosódicas (o ritmo de fala, a entonação, o alongamento, as curvas melódicas, etc.), a precisão articulatória, a escolha lexical, a organização sintática, os efeitos semânticos e pragmáticos, entre outros aspectos que a língua em uso apresenta funcionam como uma espécie de guia que o outro oferece.

Assim, permitindo que a pessoa cega compreenda nuances da mensagem que não estariam acessíveis apenas pelo conteúdo lexical. A prosódia, portanto, não é apenas um recurso estético da fala, mas um mecanismo de inclusão comunicativa, capaz de transmitir emoções, intenções e significados sociais.

Em síntese, podemos afirmar que a aquisição da linguagem pelas pessoas cegas não se limita ao domínio de estruturas gramaticais ou vocabulário, mas envolve uma dimensão sensorial e social mais ampla. Para eles, a língua, em sua materialidade sonora e prosódica, torna-se o espaço de compensação da ausência da visão e, ao mesmo tempo, o veículo de socialização e de construção da identidade.

5 METODOLOGIA

No que concerne à natureza da investigação, esta insere-se no paradigma qualitativo, por permitir o aprofundamento da compreensão de fenômenos sociais a partir de entrevistas em profundidade e da análise da consciência articulada dos sujeitos envolvidos, segundo (Mussi *et al.*, 2019). Ademais, considerando que os participantes desempenham papel ativo no processo metodológico, o desenvolvimento da pesquisa ocorre mediante a escolha intencional de procedimentos que favoreçam a apreensão adequada do objeto de estudo, assegurando maior consistência e pertinência às análises realizadas.

Nesse sentido, a pesquisa também pode ser caracterizada como descritiva, pois, de acordo com Triviños (1987) exige do investigador a coleta de informações sobre o fenômeno estudado, com o intuito de descrever fatos e realidades específicas. No caso em questão, buscou-se analisar a percepção linguística de estudantes cegos acerca de enunciados orais-disponibilizados por áudio de celular-, considerando as variações linguísticas e aspectos prosódicos.

Quanto ao método, a investigação se enquadra no indutivo, já que, conforme Brauner e Cigales (2014, p. 40), “parte de dados particulares para chegar a proposições gerais”. Assim, a partir das observações realizadas com os participantes, pretende-se compreender de forma mais ampla as percepções que os cegos têm da língua e de suas variantes ao ouvirem falantes de diversas regiões do país.

Desse modo, os dados foram coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas realizadas com estudantes cegos do Instituto dos Cegos da Paraíba (IEACN), em João Pessoa, e do Instituto dos Cegos de Campina Grande (ICEPAC). Para fins comparativos, também participaram estudantes videntes do Colégio Irmão Damião Clemente e do Colégio Frei Manfredo, ambos localizados em Lagoa Seca, Paraíba. A tabela 1 a seguir apresenta a composição dos entrevistados:

Tabela 1 – Dados dos entrevistados.

INSTITUIÇÃO	VIDENTES	CEGOS	IDADE
ICEPAC		2 homens, 10 mulheres	10 a 30 anos
IEACN		7 homens, 4 mulheres	10 a 30 anos
IRMÃO DAMIÃO	3 homens, 6 mulheres		10 a 20 anos

Fonte: Autoria própria (2022).

Ressaltamos que a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética, e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)/ Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). A respeito da coleta dos dados, as entrevistas foram realizadas individualmente, em uma sala vazia, em cada instituição, garantindo privacidade e concentração durante a escuta dos áudios e a resposta às perguntas. Estas ocorreram ao longo do segundo semestre de 2022- momento de maior flexibilização e segurança sanitária pós-Covid. No mais, ao contemplar a participação de cegos e videntes, as respostas de ambos os grupos foram registradas exclusivamente em áudio pela pesquisadora, de modo a estruturar posteriormente a análise.

Por se tratar de um recorte de pesquisa de dissertação, o presente artigo apresenta apenas um extrato da análise realizada com estudantes do Instituto dos Cegos de Campina Grande (IEACN), Instituto dos Cegos da Paraíba (ICEPAC) e Colégio Irmão Damião, na faixa etária de 10 a 20 anos. No que se refere às escutas selecionadas para este recorte, foram analisados três áudios específicos: o 10º áudio, referente a uma fala feminina da cidade de Manaus sobre “cachorro-quente”; o 11º áudio, correspondente a uma fala feminina do estado de Goiás sobre “casa”; e o 12º áudio, que consistia na fala de um informante masculino, natural de Rondônia, cuja narrativa abordava o tema “pamonha”.

6 ANALISANDO OS DADOS

O Quadro 1 mostra que, na escuta do 12º áudio (fala masculina de Rondônia sobre pamonha), tanto cegos quanto videntes afirmaram compreender o enunciado sem grandes dificuldades. Após a escuta dele, apenas alguns participantes apontaram detalhes específicos, como a associação da pamonha ao mês de setembro, a semelhança da fala com o personagem “Cebolinha” (pela troca de fonemas) e o uso da palavra “macho” em um contexto que não lhes pareceu claro.

Desse modo, vemos que os participantes reconhecem variações linguísticas ligadas à região (uso de “macho”), à fonologia (troca de fonemas) e ao contexto cultural (pamonha em setembro), confirmando que a variação não é apenas estrutural, mas também socialmente marcada, funcionando como índice de identidade e pertencimento.

Além disso, a prosódia aparece como elemento que garante inteligibilidade e sentido, mesmo em situações de ruído (música de fundo). Para os cegos, ela é essencial na construção da percepção, pois fornece pistas adicionais sobre intenção comunicativa, emoção e estilo do falante.

Sendo assim, observamos que a prosódia e a sociolinguística não são campos isolados: a prosódia traduz, no plano sonoro, as variações sociais da língua. Diante do exemplo apresentado, o ritmo, a entoação e a articulação não apenas organizam a fala, mas também carregam valores sociais que permitem ao ouvinte identificar origem, estilo e até mesmo traços de identidade do falante.

Quadro 1 - Há alguma palavra que não esteja clara ou compreensível nesse décimo segundo?

SEXO/INSTITUIÇÃO	CEGO	VIDENTE
Masculino IEACN	Tem não.	Não
Masculino IEACN	Não.	Não, comprehendi, deu pra entender.
Masculino IEACN	Não	No começo só que eu não consegui entender.
Feminino IEACN	Não.	Acho que não tem nenhuma não
Feminino ICEPAC	Não	Não, nesse eu consegui entender.
Feminino ICEPAC	Não, ele falou tudo certinho	Algumas palavras ele fala igual o Cebolinha rsrs.
Feminino ICEPAC	Eu entendi todas as palavras.	Não fez muito sentido o que ele falou, pamonha ser no mês de setembro?
Feminino ICEPAC	Não.	Não, não tem.
Feminino ICEPAC	Acho que ela falou que a pamonha lembra setembro, final de ano, não tem nada a ver.	Não.
Feminino ICEPAC	Não, todas eu consigo entender.	O macho... porque tipo... o jeito que ele usou, sabe?

Fonte: Autoria própria (2022).

Em resumo, o quadro evidencia que tanto cegos quanto videntes conseguem compreender o enunciado, mas suas observações diante da escuta revelam como a percepção linguística é atravessada por fatores sociolinguísticos e prosódicos. No caso apresentado, a variação fonológica, o uso de termos regionais e a entoação funcionam como marcadores sociais que orientam a interpretação. Além disso, especificamente para os cegos, a prosódia assume papel ainda mais central, pois compensa a ausência da visão e se torna o principal recurso de apreensão das nuances da fala.

No quadro 2 a seguir, vemos respostas de estudantes cegos e videntes sobre o que mais chamou atenção ainda sobre o 12º áudio. Nele, as respostas revelam percepções distintas e complementares quanto aos estudos teóricos debatidos. No que se refere a prosódia, ela entra como campo de destaque nas percepções escutadas, já que boa parte dos participantes — especialmente os videntes — mencionam a música de fundo, o tom divertido e a forma de falar como aspectos marcantes. Isso evidencia que elementos prosódicos como ritmo, entoação e melodia da fala são percebidos como significativos na construção do sentido, a exemplo das respostas: “Tipo... ele é mais divertido, uma fala mais engraçada, divertida.” / “Ele botava o P e o L em algumas partes rsrsrs.” Essas observações mostram que a expressividade vocal e os traços sonoros da fala são interpretados como indicadores de estilo, humor e identidade na comunicação.

Quanto aos aspectos linguísticos há participantes que destacam o sotaque, o uso de gírias e expressões como “plá” e “macho”, que remetem a marcas regionais e culturais, revelando uma consciência sociolinguística ativa, em que os ouvintes associam traços linguísticos à identidade geográfica e social do falante. Exemplos: “As gírias.”/ “O sotaque.” e “Ele falando Plá...”. Essas respostas confirmam que a variação linguística é socialmente motivada e carregada de significados culturais. Aqui, os ouvintes não apenas reconhecem as variantes, mas também atribuem a elas valores simbólicos — como pertencimento regional ou estilo comunicativo.

Além disso, a pamonha, como tema do áudio, também aparece como destaque afetivo porque os participantes associam a fala à tradição familiar e à celebração cultural, como o São João, festividade popular marcante na região nordeste. Isso mostra que a linguagem evoca memórias afetivas e culturais, funcionando como ponte entre o discurso e a experiência pessoal. Vejamos alguns exemplos das falas a respeito disso: “Que reúne família pra fazer pamonha.” e “A pamonha, porque eu gosto muito.”. Tal dimensão afetiva reforça que a percepção linguística não é apenas técnica ou cognitiva, mas também emocional e identitária sobre crenças e representações sociais-regionais da língua.

Quadro 2 - Qual detalhe nessa fala mais chamou sua atenção?

SEXO/INSTITUIÇÃO	CEGO	VIDENTE
Masculino IEACN	Eu achei muito engraçado falando do final do ano rrsrsrs.	As gírias.
Masculino IEACN	Pamonha	Tirando a parte da música de fundo assim, nada não, eu achei bonito dele falar que a pamonha que é no São João, né? Que a gente comemora... é.... as famílias se juntam pra fazer e tals.
Masculino IEACN	Também não	A música de fundo.
Feminino IEACN	O sotaque.	Ele dizer que pamonha é no fim de ano.
Feminino ICEPAC	Nada	A pamonha, porque eu gosto muito.
Feminino ICEPAC	O que mais chamou? Eeh, bicho!	Ele falando Plá... ele botava o P e o L em algumas partes rrsrsrs.
Feminino ICEPAC	A música de fundo.	Que reúne família pra fazer pamonha.
Feminino ICEPAC	Da pamonha, que tipo... que faz mais... é uma tradição aqui no Brasil.	O sotaque e a forma dela falar de quão bom a pamonha é.
Feminino ICEPAC	Acho que nenhum.	Não.
Feminino ICEPAC	Tipo... ele é mais divertido, uma fala mais engraçada, divertida.	Não.

Fonte: Autoria própria (2022).

Portanto, esse segundo quadro revela que, ao ouvir um enunciado oral, tanto os cegos quanto videntes, mobilizam diferentes camadas de percepção: prosódica (ritmo, entoação, musicalidade), sociolinguística (sotaque, gírias, variação regional) e afetiva (memória, tradição, identidade cultural). No entanto, ressaltamos que quanto ao questionamento feito nesse momento da entrevista, para os cegos, a prosódia segue funcionando como guia interpretativo em substituição à percepção visual. Já os videntes complementaram a escuta com referências visuais e culturais, sem deixar de atribuir valor aos traços sonoros da fala.

A última pergunta do questionário sociolinguístico, escolhida para o presente recorte, tinha o intuito de analisar a percepção que os participantes teriam da variação linguística em relação ao modo de fala produzida na Paraíba. Embora as três opções de respostas fossem baseadas em falas de estados distintos (10º enunciado - Cachorro-quente/Manaus/ Feminino, 11ª – Casa/ Goiás/ Feminino e 12ª enunciado-

Pamonha/ Rondônia/ Masculino), pretendíamos observar qual se sobressaía como o mais diferente do falar Paraibano. Dessa forma, o objetivo era identificar a percepção/reconhecimento dos sons, sotaques e expressões pouco usuais em sua região (Paraíba). Tal questionamento pretendia estimular a identificação de traços linguísticos que destoam do repertório local, ativando a consciência sociolinguística e prosódica dos ouvintes. Vejamos a ilustração das respostas no quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Dentre esses três últimos áudios há algum ou mais de um som que não é produzido na região em que você mora?

SEXO/ INSTITUIÇÃO	CEGO	VIDENTE/ todos do Irmão Damião
Masculino IEACN	Acho que o décimo e o décimo segundo... não seja daqui.	Só esse Quicão.
Masculina IEACN	A décima.	O próprio nome Quicão, pode ser?
Masculino IEACN	Não.	Não.
Feminino IEACN	Não.	Eu acho que foi o da casa (11º)
Feminino ICEPAC	não	O último, porque ele mora lá em Minas Gerais, aí ele fala “Cê tá doido!”, daí me lembrou.
Feminino ICEPAC	Alguns quando é carioca XXX, quando é paraibano é DDD.	Não... não consegui diferenciar nada.
Feminino ICEPAC	Não, não percebi não.	Não, eu só lembro da música desse último que não é daqui.
Feminino ICEPAC	O último. O som do fundo do áudio do último áudio.	É... “Aquela” do 11º áudio, aquela casa... certamente o sotaque aquela não é nosso, eu não conheço muito.
Feminino ICEPAC	Acho que esse jeito de falar assim... a gentxi e tals, a gente mais a gente. É eu acho que o sotaque dependendo...	O do pão (10º) ... nunca escutei esse nome aqui não.
Feminino ICEPAC	Eu acho que o sotaque. Acho que o último mesmo.	Não.

Fonte: Autoria própria (2022).

No que diz respeito a consciência sociolinguística, a maioria dos participantes videntes (do Colégio Irmão Damião) reconheceu traços regionais distintos, como o uso da palavra “quicão”, o sotaque mineiro “cê tá doido！”, e expressões que não fazem parte do repertório paraibano, a exemplo: “O próprio nome quicão, pode ser?/ “O último, porque ele mora lá em Minas Gerais, aí ele fala ‘Cê tá doido!’” e “O do pão (referente ao 10º áudio)... nunca escutei esse sotaque aqui não.” Essas respostas evidenciam uma percepção aguçada das variantes regionais sobre a relação entre variação linguística e identidade geográfica. Aqui os ouvintes associam sons e expressões a lugares específicos, demonstrando que a língua funciona como marcador de pertencimento.

Quanto a prosódia, ela funcionou como pista de localização, já que alguns participantes cegos também identificaram diferenças, especialmente no ritmo e na entoação da fala. Embora suas respostas sejam mais contidas, há indícios de que a prosódia — como o som de fundo, o modo de falar e o ritmo — foi percebida como não pertencente à região. Isso pode ser observado pelas falas: “Acho que o décimo

e o décimo segundo... não seja daqui.", "O som do fundo do áudio do último áudio." e "Acho que esse jeito de falar assim... a gente tá, a gente mais a gente. É que acho que o sotaque dependendo...". Tais percepções mostram que, mesmo sem visão convencional, os cegos mobilizam elementos sonoros para identificar variações, reforçando a ideia de compensação, na situação em questão, em que a audição funciona como canal de apreensão/ identificação da linguagem.

Em síntese, a intersecção entre prosódia e variação social se fizeram presente, pois a percepção de sotaques e expressões diferentes revela que os participantes não apenas reconhecem variações, mas também interpretam seus significados sociais. O estranhamento diante de certos sons indica que os ouvintes têm um repertório linguístico regional bem definido, e qualquer desvio ativa uma resposta interpretativa. A exemplo das falas: "Aquela casa... aumentei o som e achei estranho. Não é nosso, não reconheço." e "Não... não consegui diferenciar nada." (como contraste à percepção ativa dos demais). Através das respostas apresentadas nesse último quadro, podemos identificar que a intersecção entre forma sonora e conteúdo social confirma que a prosódia carrega marcas de identidade, estilo e pertencimento, funcionando como elo entre o som e o significado social.

Portanto, os três quadros revelaram percepções tanto distintas quanto complementares entre cegos e videntes diante dos enunciados orais que lhes foram apresentados. No quadro 1, observou-se que ambos os grupos compreenderam o conteúdo lexical, com pequenas divergências quanto à clareza de termos específicos. Já no quadro 2, os participantes destacaram elementos prosódicos como entoação, ritmo e musicalidade, além de traços sociolinguísticos como gírias e sotaques, evidenciando consciência sobre variações regionais e culturais. No quadro 3, a percepção sobre sons não pertencentes à região mostrou que os ouvintes ativam referências locais para identificar traços linguísticos externos, embora os cegos tenham demonstrado mais apoio aos elementos prosódicos. Em resumo, a análise dos 3 apontaram que a prosódia e a variação sociolinguística são fundamentais na construção da compreensão oral, especialmente para sujeitos com deficiência visual.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação evidenciou que os fundamentos teóricos da Sociolinguística variacionista e da prosódia encontram respaldo direto nas percepções relatadas pelos participantes, que mesmo sendo jovens- 10 a 20 anos- demonstraram conhecimento/reconhecimento dos aspectos sociais e prosódicos da língua. Isso pode ser evidenciado ao longo da análise, em que foi verificado que tanto cegos quanto videntes reconheceram marcas linguísticas ligadas a fatores regionais, fonológicos e culturais, confirmando que a língua é, de fato, uma prática social heterogênea. Vale ressaltar que especificamente no caso dos estudantes cegos, a prosódia mostrou-se ainda mais enfática, funcionando como recurso compensatório que amplia a compreensão dos enunciados orais e possibilita a apreensão de significados que vão além do conteúdo lexical.

Além disso, os achados revelam que a percepção linguística dos cegos não se limita à decodificação de palavras, mas envolve uma leitura sensorial e social mais ampla, na qual ritmo, entoação e intensidade da fala desempenham papel central. Essa constatação reforça a teoria de Vygotsky (1997) sobre a compensação sensorial e confirma que a audição, aliada à prosódia, constitui um mecanismo fundamental para a construção de sentido e identidade linguística. Assim, a comparação deles com os videntes mostrou semelhanças na identificação das

variações, mas também destacou diferenças na forma como os cegos atribuem valor às pistas sonoras, o que amplia o entendimento sobre diversidade perceptiva na língua.

Apesar dos avanços, a pesquisa apresenta algumas limitações: o recorte metodológico, restrito a determinadas instituições e faixas etárias, reduz a possibilidade de generalização dos resultados. Além disso, o número de áudios analisados foi pequeno, o que limita a abrangência das conclusões. Outro ponto a ser considerado é a ausência de uma análise quantitativa mais robusta, que poderia complementar os dados qualitativos e oferecer maior precisão sobre padrões recorrentes. Essas brechas, contudo, não invalidam os resultados, mas apontam caminhos para futuras investigações que ampliem o corpus e diversifiquem os contextos analisados. Ressaltamos que tais suposições/proposições quanto a percepção dos enunciados orais pode ser encontrada no resultado final da dissertação, a qual contempla maior número de participantes, áudios e demais variantes/variações comparativas entre cegos/videntes.

Em suma, este estudo contribui significativamente para a comunidade científica ao lançar luz sobre um campo ainda pouco explorado: a percepção sociolinguística de pessoas cegas. Ao articular teoria e prática, evidencia-se que compreender como esse grupo apreende a língua é fundamental não apenas para os estudos linguísticos, mas também para a formulação de políticas educacionais inclusivas e uma inserção mais equidade na sociedade de modo geral. Dessa forma, a pesquisa reafirma sua relevância na comunidade científica, bem como a importância de considerar a diversidade sensorial e social na análise da linguagem, ampliando o olhar sobre a pluralidade cultural e linguística que caracteriza o Brasil.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma proposta da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARBOSA, Plínio. Almeida. Prosódia: uma entrevista com Plínio Almeida. Barbosa. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v.8, n.15, 2010. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_15_entrevista_plinio.pdf. Acesso em 24 de fevereiro de 2023.

BRAUNER, Clarice Francisco, CIGALES, Marcelo Pinheiro. Algumas Considerações Sobre a Teoria Interpretativista e o Método Indutivo na Pesquisa Social. **Revista Querubim**. Volume 10, n.º22, 2014, p. 36-42. Disponível em: https://www.academia.edu/6384436/Algumas_considera%C3%A7%C3%A3o%C3%A7%C3%A3o_sobre_a_teoria_interpretativista_e_o_m%C3%A9todo_indutivo_na_pesquisa_social. Acesso em 05 de janeiro de 2023.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul/dez 1992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636850>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl. [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COROA, Maria Luiza. Por que ensinar gêneros textuais na escola? In: **I Colóquio sobre Letramento, Alfabetização e Avaliação**. Brasília, 2010.

COROA, Maria Luiza. **Diferentes concepções de língua na prática pedagógica**. Boletim da Abralin, n. 26, 2003.

CUNHA, Ana Cristina Barros. Promovendo aquisição de linguagem funcional em criança deficiente visual: o efeito de um treinamento de mãe em procedimentos de ensino naturalístico. **Temas em psicologia**. v.5, n.2. Ribeirão Preto. 1997.

FREITAG, Raquel Meister Ko, SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, p. 109 - 122, 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo da educação superior 2019**. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em 01 de julho de 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas ... [et al.]. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista SUSTINERE**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.414-430, jul-dez, 2019. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/337852856_Pesquisa_Quantitativa_eou_Qualitativa_distanciamentos_aproximacoes_e_possibilidades. Acesso em 25 de junho de 2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, [1972] 2008.

LOPES, Leonardo Wanderley, LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009. **Revista CEFAC**. 2014 Mar-Abr; 16(2):651-659. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/DrzTQSsFMFpWrwZfL8Kncn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 24 de fevereiro de 2023.

LUCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 347-382, 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/delta/a/NGxLPBSqNXYNGhFtwqrrwgh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 14, número 1, janeiro/junho, p. 55-64, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Miguel. **Prosódia, prosódias**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OUCHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães, CHRISTINO, Beatriz, SPINASSÉ Karen Pupp, ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Estudos em sociolinguística de contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221212>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisas em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista Da Anpoll**, 1(29).2010. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/179>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. Ática, ed. 7. São Paulo, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas**. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

ZUCCONELLI, Simone. **A relação entre a aquisição da linguagem e a deficiência visual**: seria a visão um fator determinante na aquisição? Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fonoaudiologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159528>. Acesso em 24 de novembro de 2022.